

AVALIAÇÃO DO CONVÊNIO CVRD/FUNAIDIVAGAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Lux Vidal

USP

CEDI - P. I. B.
DATA 19. 12. 86
COD. K3.D.0000

Um dos maiores problemas enfrentados pelo Projeto de Apoio é a falta de um planejamento-execução bem articulado e a falta de entrosamento ideológico das diferentes instâncias envolvidas. Cada um desempenha o seu ponto de vista, inclusive os índios. Existem vários níveis de realidade, contraditórios, as vezes irreduzíveis, mas com força de interferência e poder de pressão, nem sempre previsíveis e contornáveis. Os fatores conjunturais também possuem peso próprio, se apresentam sob as formas mais variáveis e é preciso conviver com eles. Onipresentes, as relações pessoais, configuram discretamente os contornos do Convênio; delimitam territórios, prerrogativas, performance e poder. Em todas as instâncias, porém, a ~~obsessão~~ <sup>obsessão</sup> para o controle é um mero grito, aflito e sem eco.

A Ferrovia, que nasce de uma imensa pera-útero ao pé da mina, corre como um grande rio sem se ressentir da turva turbulência dos igarapés que perdem o seu rumo entre mognos caídos e castanheiras tombadas. A Ferrovia é linda, trilho perturbador mas civilizador. A ponte sobre o Tocantins, um fino colar na espessa Amazônia. A usina, um alegre tobogã. Nas margens, um barranco: Marabá, lixo e poeira, onde as pessoas reais, de osso e pele suja, vivem e trabalham. Dentro deste quadro o Gavião, o Xikrin se esboça apenas como um projeto-pretexto. Presença irreduzível, como um sambaqui. Constroem com vida e morte a sua própria identidade planetária. Possuem registro geral de terras imemorais, mapas Radam de fronteiras naturais, parecer antropológico de caçador, coletor e pescador. O satélite, imperturbável, vai marcando clareiras nebulosas. Dos Altos Fornos do Mirad saem as terrinhas, laminadas e decretadas. Tampão-Patrimônio da União.

O que podemos fazer? Uma REUNIÃO? Delinear uma utopia sempre desafiada pelo dia a dia. Gente, vamos sentar e definir. Programas bem definidos. Algo que teria começo e fim: cava-se um poço, forra-se o poço, cobre-se o poço e coloca-se a manivela. Tudo tem orçamento-começo mas nada tem fim. A Funai, planejadora-executora, não tem começo e nunca tem fim. Ora, não há programa sem pessoas, e não há pessoas sem um mínimo de tempo-experiência para construir uma personagem-projeto. Mesmo para um projeto efêmero de trem que passa.

Há vinte anos que eu fico envelhecendo.

Lá, na aldeia, de noite, conversando com Angela: " Olha, Lux, veja bém, eu queria é mesmo fazer as coisas certo, quero me realizar, mostrar um pouco de serviço. Veja bém, eu levanto às cinco e meia da manhã, preparo a merenda escolar, dou aula de manhã e de noite. Eles gostam demais de estudar, e eles não faltam à aula. Dou três turmas de uma vez, Pré, Alfabetização, Primeiro grau e até Segundo grau. Uma turma olha para a parede da frente e a outra para a parede dos fundos, é assim que eu divido as turmas. Eu precisaria de mais uma lousa. De um pouco de orientação. Gosto demais deles. Eu trato de me adaptar. Costuro lá na casa do Onça. Preciso de um pouco de apoio. Conversar. Lavo roupa, faço comida, tem meu filho e meu marido. Dois filhos deixei em Belém. Qualquer dia me mando, vou aguentar até onde der, mas quando eu sinto que não dá mais, que a Funai não dá apoio a gente, eu me mando. Quero voltar a estudar, é isso que eu quero. Aqui, não há estímulo e não quero envelhecer desse jeito. O chefe de Posto, o Antonio, me dá todo apoio, mas o Antonio é o Antonio, ele tem seus problemas. Ele aguenta até onde der, se não dá mais, ele se manda. Você está aqui, é tão bom e a gente conversa, mas amanhã você vai embora e eu fico aqui naquela vidinha."

Telefone, helicóptero, Rio, Carajás. Reunião em Marabá. Vocês não estão sabendo? Os índios estão se deslocando para uma reunião em Marabá. Pelo menos uma vez nesta vida-projeto, por um acaso de segundos, alguma coisa deu certo. Estamos apenas tranquilos e conversando. Não mais Vale, nem Ajudância, nem Delegacia, nem Advogada, nem Procuradoria, nem Antropóloga, nem Índios, apenas Nós-Tudo-Isso, conversando; naquele calor. Bem, eles falam, os cacique, de como pretendem reaver suas terras invadidas pela fazenda Grã-Reata, daquele tal de Hannemann do Paraná. Irão pintados, em excursão guerreira. Por rádio, avisarão os Gorotire e Aukre que se dirigirão, pelo Tucumã da Andrade Gutierrez, e a PA 279, ao local de encontro, lá no entroncamento. Chamarão o Luís, o capataz, lá no Posto de Vigilância, advertindo, quietos e apenas pintados: " Olha, Luís, nos vamos pegar a fazenda mas o gado fica. Você e seu pessoal sai. Você não tem nada que ver, você não é patrão. Nós não vamos matar gente, só o gado". Na sala dos escritórios da Vale, ninguém se admira, ninguém se opõe. É isso aí. A advogada fala: " Eu recebi uma procuração da Funai, eu vou a Belém, ver o processo, falar com o juiz. Vou fazer um parecer, vou me empenhar nesta causa. Não prometo nada, mas fico informando vocês." Cada um dá o peso de seu balde e a medida de sua corda. O chefe índio conclui: " A velha falou cumprido e falou bem". Cada parte envolvida fica com a parte que lhe cabe, os índios com a guerra e nós com a justiça. Cada parte escutou o outro e respeita o divisor de águas. Cada vertente confia nas

suas estratégias ilusórias. O Ferreira pondera: " Quando a coisa acontecer, eu fico lá de escondido com a Rlicia Federal, de prontidão. Espero que não seja essa semana, porque estou lá nos Parakanã."

Que susto! Epidemia de sarampo, malária, pelo rádio, no Cateté. O pessoal está morrendo. Mas como? assim de repente? logo no Cateté?  
Ô pessoal, que horas são? vamos almoçar, vamos.

Rio, Brasília, São Paulo, Vale, Assessores. Porra! aqui que é Selva! reflexo concreto de outros carnavais. E a Nova República como é que fica? Sou parte e não quero olhar. Me aborrece julgar. Veja o quadro colorido, tudo por ano, per capita e por aldeia. Tomará que os números fiquem bem quietinhos, amarrados, em dólares, no quadrinho. Nada de pular fora, não! Aqui não tem festa, aqui não tem inflação.

Liberem a Lux, mas segurem as meninas. Fala Maranhão, broto Cidadão Kane. Médicos (com quantas horas técnicas?), passando a limpo a malária-lamina e suas bronquo-seqúelas. Virá de Nova-Yorque a milagrosa vacina, pacientemente pesquisada pelo brasileiro exilado?

Katia e Lurdinha, na ponta da mesa, na curva da esquina, tranquilas, ~~como~~ como cabe a quem possui o PTA da passagem, a porta do helicóptero, a chave do cofre. Uê! não quer ver seu contrato não?

Sabemos perfeitamente que reunião é reunião, apenas. Quando tudo acabar o telefone começará a tocar, captador, como uma chamada de aeroporto, ficha tal, Portão dois, boa viagem. Pelo telefone tudo se configura. Vai-se encontrando uma solução, situando minha visão. Para tudo e todos uma mera ficção. Até o dinheiro acabar. Mas como? ~~o dinheiro para acabar~~ O trem não pode parar.

Tudo é tão vagamente perturbador, Banco mundialmente consolador. Acorda! Índio besta, ve se entende, o dinheiro acabou.

São Paulo - Agosto 1985.